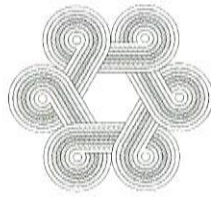


C O L E Ç Ã O



INTERAÇÕES

Stela Barbieri

Interações: onde está a arte na infância?

Josca Ailine Baroukh
COORDENADORA

Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves
ORGANIZADORA

Interações: onde está a arte na infância?

© 2012 Stela Barbieri

Editora Edgard Blücher Ltda.

Capa: Alba Mancini

Preparo de texto: Fernanda Gehrke

Fotografia: Fernando Pião

Produção do Ateliê:

Fernanda Beraldi
Danielle do Nascimento Silva
Jurandi França Inhumata
Nina Barbieri Lucato
Marina Pappa
Jairo do Nascimento



Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-012 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 (11) 3078-5366
editora@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Ficha catalográfica

Barbieri, Stela
Interações: onde está a arte na infância?
/ Stela Barbieri; Josca Ailine Baroukh,
coordenadora; Maria Cristina Carapeto
Lavrador Alves, organizadora. -- São Paulo:
Blucher, 2012. -- (Coleção InterAções)

Bibliografia
ISBN 978-85-212-0678-1

1. Arte - Estudo e ensino 2. Educação de
crianças 3. Prática de ensino 4. Professores -
Formação profissional. I. Baroukh, Josca Ailine.
II. Alves, Maria Cristina Carapeto Lavrador.
III. Título

12.05406 CDD-372.21

Índices para catálogo sistemático:
I. Arte e educação infantil 372.21

1 Educação Infantil e Arte Contemporânea

Obras de arte são poderosas encarnações de interesses comuns, pedem uma interpretação ativa, podem unir diversos meios de pensamento, relacionam-se a vários contextos e são suscetíveis a múltiplas interpretações. Por essas razões, o estudo da arte promove em sua mais alta sofisticação o tipo de entendimento exigido por uma sociedade pluralista, na qual grupos podem coexistir com diferentes histórias, valores e pontos de vista.
Michael J. Parsons (1999)

A arte contemporânea – arte de uma sociedade pluralista – dialoga com o universo das crianças pequenas porque trata de todos os assuntos do mundo, aqui e agora. Assim como os artistas contemporâneos, elas não estão preocupadas com as fronteiras entre as linguagens.

O ensino deve estar conectado ao seu tempo. Se pensarmos na produção de arte contemporânea, os mais variados aspectos da vida ressoam nas poéticas dos artistas: aspectos sociológicos, científicos, antropológicos, cotidianos – tudo é assunto para a arte. A arte, como todas as outras áreas, permeia o dia a dia da criança.

A arte contemporânea tem muito a nos ensinar sobre como lidar com a contemporaneidade, para perceber caminhos de diálogo e, ao mesmo tempo, caminhos para o devaneio, que nos levem a outras possibilidades de ações, outros modos de olhar para as questões contemporâneas e poder solucioná-las de maneiras inusitadas.

As crianças são sinestésicas, ou seja, todos os seus sentidos estão despertados a cada momento. Elas são chamadas por aquilo que lhes interessa, por uma curiosidade que as põe em movimento. Quando acordam de manhã, as crianças já são tomadas por variados interesses: querem subir em tudo, abrir caixinhas, brincar, montar, ver tatu-bola no chão, formiga andando, passarinho voando, o avião que passa.

A professora Rosely, apresentada na Introdução, traz uma valiosa colaboração sobre arte e criança:

“As crianças são como a Arte: pura expressão. Acho que é por isso que os adultos as chamam de arteiras. Há afinidade entre as crianças e a arte – espontaneidade, capacidade de comunicar, de dialogar com o mundo, com a vida. Então, podemos dizer que ambas se alimentam da mesma fonte.”

As palavras de Maria Amélia Pinho Pereira (2009), conhecida como Péo, pedagoga e pesquisadora da cultura infantil, dialogam com a colocação da professora:

Confesso que a primeira vez em que ouvi soar a palavra arte, era ainda criança e escutei minha mãe chamando meus irmãos, que estavam no quintal, construindo uma cidade com pedras, barro, gravetos, areia e água. Era o horário do almoço e eles não apareciam. Ela os chamava insistentemente e eles não a escutavam, tal era a concentração e entrega ao que estavam fazendo. A demora foi se alongando tanto, que minha mãe se dirigiu até onde estavam, falando em tom meio bravo pelo caminho: “Estes meninos estão a fazer alguma arte”. De fato estavam! Retirá-los daquele espaço mágico não foi fácil. Vi essa cena se repetir muitas vezes. Assim, o som da palavra arte ficou para mim gravado como uma brincadeira de menino que extrapola os tempos e espaços do mundo adulto.

O que está acontecendo agora, neste momento, é o que interessa para as crianças e para os artistas contemporâneos. Muitos artistas circulam entre os campos da arte e não estabelecem fronteiras entre pintura, desenho, instalação, *performance* e vídeo. Na vida, há permeabilidade e simultaneidade nos acontecimentos – muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo e interferin-

do umas nas outras. As crianças também são assim, cantam enquanto desenham, então levantam e dançam – têm uma atenção ampliada e podem perceber várias situações ao mesmo tempo.

É comum vermos o impulso ativo das crianças ser represado nas escolas. Sua necessidade potente, conectada, presente e de movimento constante, muitas vezes não tem espaço nem lugar para acontecer. É preciso reconhecer que as crianças pensam de uma maneira peculiar que precisa ser considerada nas condições que oferecemos a elas na educação infantil.

As crianças pequenas precisam de espaço para se colocar e ser o que são. Quanto mais tivermos escuta e abertura, propondo situações em que elas sejam protagonistas, tanto mais contaremos com o envolvimento e a alegria de cada menino e menina. O papel do professor é ajudar a criança a realizar suas ideias. As crianças, assim como os artistas contemporâneos, falam “eu preciso de vermelho”. Elas sabem o que querem, têm necessidades poéticas, premências e urgências.

As crianças trazem questões de suas vidas em seus trabalhos de arte. Muitas vezes, desenham e pintam contando histórias, misturando super-herói com pai, com vizinho. A escola pode ser espaço para construir e reconstruir o mundo, poder falar sobre a vida e se sentir pertencente a essa comunidade, logo, livre para se expressar. Essa ampliação de campo significa ampliar os horizontes.

Ser professor é estar atento a como são diferentes as crianças. Cada uma tem uma maneira singular de se expressar. Enquanto uma faz um desenho delicado, com a pontinha do lápis, a outra precisa rabiscar, porque tem muita energia e uma expressão mais contundente. Muitas vezes, não temos um olhar para isso, para esse território amplo de tantas expressões.

A abertura com que olhamos para aquilo que a criança faz é o que cria o território de pertencimento. Ao desenvolver sua percepção, o professor fica mais sensível às necessidades de cada criança. Escutá-la significa perceber, com o corpo inteiro, o que ela está querendo dizer. Voltando à epígrafe, como a obra de arte pede uma interpretação ativa, as crianças solicitam que o profes-

sor interprete suas necessidades. Essas interpretações se transformam em ações que oferecem ferramentas necessárias para que as crianças atuem no mundo, e a arte é uma dessas ferramentas. O acesso às várias linguagens artísticas na escola propicia a expressão singular de cada um, ao mesmo tempo em que exercita a participação coletiva. Essa é uma experiência próxima à do cidadão que, guardando sua singularidade, participa ativamente da vida da comunidade a que pertence.

Estamos vivendo em um mundo onde não existe mais separação entre o universo da criança e o universo do adulto, as crianças pequenas são atravessadas pelo mundo, a infância está desarticulada de seu sentido, está sendo violentada. É necessário preservar o universo da criança, para que ela possa brincar e exercitar a sua potência de inventar e construir. Sônia Kramer (1999), professora e pesquisadora da Educação da PUC-Rio e Universidade Estadual do Rio de Janeiro, coloca que:

(...) o adultocentrismo marca as produções teóricas e as instituições. Reconhecer na infância sua especificidade – sua capacidade de imaginar, fantasiar e criar – exige que muitas medidas sejam tomadas. Entender que as crianças têm um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, que subverte o sentido da história, requer que se conheça as crianças, o que fazem, de que brincam, como inventam, de que falam.

No universo escolar, temos questões de tempo, espaço, estrutura, mas é possível inovarmos com parcerias dentro de uma instituição, de um sistema. Temos que desenvolver, costurar parcerias, pois qualquer educador precisa do outro para ser educador. Parcerias com todas as pessoas, pois todos que estão na escola são educadores – desde o porteiro até a secretária, a pessoa que limpa a sala, a merendeira. Todos ensinam à sua maneira sobre como estar no mundo.

A relação entre arte e cultura é pendular. A arte é a singularidade da experiência e a cultura é a experiência compartilhada.

da socialmente. A cultura integra as singularidades e vai além delas. No vai e vem do pêndulo, a arte e a cultura vão se constituindo, bebendo das experiências singulares e criando experiências coletivas.

Por isso, acredito que a cultura de cada uma das pessoas que está na escola pode ser incluída no currículo. Dessa forma, o trabalho ganha singularidade – é vivo, pois é feito pelas pessoas envolvidas. As cantigas, histórias, brinquedos e brincadeiras da cultura da infância lembradas pelo porteiro, merendeira, professora, secretária e diretora podem ser aprendidas pelas crianças. Qual é o universo cultural de sua escola? Ele é único! Quais são as cantigas que você cantou na sua infância, de que histórias mais gostava, como desenhava, de que imagens se recorda, o que pode compartilhar?

Cada pessoa tem seu repertório que pode ser riquíssimo e muitas vezes pouco valorizado, ficando perdido em um cantinho da memória. É preciso soprar essa brasa da cultura singular de cada lugar para que se fortaleça na escola. Temos camadas de riquezas dentro de nós, que precisam ser compartilhadas e ensinadas para as crianças. Para isso, os pais também devem ser chamados a trazer suas contribuições, e todas elas precisam ser compartilhadas. Caso contrário, uma riqueza cultural ancestral vai se perdendo, a cultura da televisão vai se impondo e se perpetuando.

Por outro lado, todos nós temos muito a aprender com as crianças, porque elas têm frescor e uma comunicação direta.